



Luiz Carlos Sá

# UMA BANDA na estrada

**Uma banda na estrada pode resultar em qualquer coisa entre a maravilha total e o caos completo. Por isso, ao formar uma banda pra sair viajando com ela, é preciso prever com a maior exatidão possível a química certa que vai fazê-la funcionar com coerência e coesão**

**P**ois pense só: durante uma boa parte do ano essa equipe terá que estar sempre junta, dos primeiros e tensos ensaios às longas horas de viagem nos shows. Fora o fato de terem que dormir no mesmo quarto de outros que às vezes mal conhecem, numa intimidade forçada que nem sempre dá bons resultados...

Alguns artistas não gostam de se envolver com seus músicos e técnicos. Alegam, com razão, que sendo quase sempre inevitável a troca mais ou menos freqüente de pessoal, esse tipo de envolvimento extra-profissional não seria saudável. Sem falar no encargo adicional de gerenciar relações alheias, pois quando um músico ou técnico é seu amigo além de empregado, a queixa sempre chega a você, gerando às vezes tensão suficiente para desequilibrar seu desempenho na linha de frente do espetáculo. Com todo o respeito que eu possa ter por esse ponto de vista, jamais consegui manter essa distância. Sempre quis – assim como meus parceiros Rodrix e Guarabyra – escolher pessoalmente cada um dos nossos companheiros de viagem levando em conta não só sua eficiência profissional como também sua identidade com o nosso modo de pensar, viver e – claro – tocar, deixando um pouco de lado o verdadeiro airbag que a produção e o empresário criam entre artistas de frente e suas equipes. É evidente que essa “democracia musical” traz vantagens e problemas. Mas olhando pra trás e vendo quantos amigos preciosos nos ficaram desses trinta e cinco anos de estrada, acho que fizemos a coisa certa.

Nas heróicas décadas de 70 e 80, quando as passagens de avião tinham um peso muitas vezes proibitivo no orçamento das produções de show, as turnês eram na grande maioria organizadas por roteiros rodoviários. Fretava-se um ônibus de luxo – como foram bem-vindos os de dois andares! - e... pé na estrada! Não era raro uma turnê durar quase um mês e, no nosso caso,

não era raro também que levássemos conosco no ônibus mulheres e filhos. Numa dessas quase enlouquecemos a produção com seis crianças. Aliás, quase enlouquecemos a nós mesmos...

Mas era aí que a “democracia musical” funcionava. Limitados ao espaço do ônibus por horas de estrada, jogávamos baralho, tocávamos, cantávamos, compúnhamos, resolvíamos arranjos novos, roteiros de show, iluminação, disco novo, tudo lá dentro. A ligação entre a equipe saía sempre fortalecida por essas longas viagens, já que tomávamos sempre o cuidado de evitar incluir entre os nossos companheiros aqueles famosos “elementos desagregadores” que você já sacava logo nos primeiros quinze minutos de conversa. Os “quero isso, quero aquilo, só faço assim, só faço assado” não nos serviam, e ainda não nos servem. As estradas são longas e o trampo é puxado. Quem não ama o que faz e sai impondo condições de cara sem sequer saber o que vem pela frente não tende a integrar grupo nenhum.

Claro que, como em toda democracia, essa também tem seu dono, ou donos. Somos os donos do nosso nariz musical e disso não abrimos mão. Mesmo entre nós três fica muitas vezes difícil chegar a um acordo que satisfaça integralmente a cada um. E aí, alguém tem que ceder. Quando vejo a quantidade de grupos que se desfazem ao primeiro sinal de sucesso por ciúmeira ou imaturidade, fico pensando no quanto é difícil o equilíbrio entre egos criadores de todo gênero, porque sabemos também que a inapetência pelo poder pode prejudicar tanto quanto o apetite exagerado.

A possibilidade que a equipe vê de entender-se em alguns casos diretamente com o artista de frente sem passar pelo filtro produção/empresário me parece fazer com que a coisa flua melhor no lado musical. Mas é verdade também que você pode ser forçado a resolver alguns problemas inusitados... Por exemplo:

estava eu calmamente sentado na minha cadeira cativa (andar de cima, lado esquerdo, no meio do buzum) há uns bons dez anos atrás – hoje em dia essas turnês de ônibus são tão raras quanto as de avião eram, e vice-versa... – quando veio um músico sentar-se ao meu lado. Depois de alguns minutos de absoluta mudez, percebi que ele estava engasgado com alguma coisa e puxei conversa:

- E aí, Fulano? Tudo certo?

Só então, quando olhei de frente pra ele, percebi que a coisa devia ser grave. Ele estava tenso, uma veia saltando no meio da testa como se fosse explodir.

- Não. Nada certo.

Fechei definitivamente o livro.

- O que rola?

- É o Beltrano.

- Que é que tem o Beltrano?

- Ele está namorando a Sicrana.

Sicrana era a ex-namorada, de anos, do Fulano. Fulano ficara arrasado com o final do namoro e até fizera umas músicas bem bonitas por isso. Pra ser honesto, eu estava até querendo por letra numa...

- Bom, amigo, é a vida não é não?

Cheguei mais pro lado dele e falei baixo:

- Você acha que isso já vinha acontecendo enquanto vocês ainda...

Ele quase pulou da poltrona:

- Não! De jeito nenhum! Tenho certeza que nem ele nem ela fariam isso comigo!

- Então não teve traição na jogada. Do que é que você está se queixando?

Ele se debruçou sobre mim, sussurrando, aflito:

- Ele acorda de madrugada, acha que eu estou dormindo, pega o telefone, vai pra um canto do quarto e fica falando com ela. Mas eu sempre acordo e escuto tudo! Tudo!

Suspira e volta a recostar-se em sua poltrona:

- Mas o pior mesmo é que quando o telefone tem fio comprido ele se tranca no banheiro e eu não escuto nada.

E levantando de novo, já quase de pé:

- Pior que escutar tudo, só mesmo escutar nada!

Só então me toquei de que Fulano e Beltrano dividiam o mesmo quarto. Cruel. Fiz sinal para que ele se acalmasse e sentasse:

- Escuta, meu bom: você está querendo largar a banda por isso?

- Claro que não!

- Tá. Então eu vou bater um papo com a produção e a gente vai resolver o problema.

A produção remanejou os quartos. Fulano ficou com ilumi-

nador e o técnico de som passou a dividir o quarto com Beltrano. Depois de um tempo sem ser torturado pelo namoro telefônico de Beltrano com sua ex, Fulano voltou a se relacionar normalmente com ele, principalmente depois que uma baianinha virou a volátil cabeça de Beltrano e Sicrana virou ex de ambos...

Sempre o equilíbrio. Excesso de espírito de equipe também pode atrapalhar o desempenho da equipe. Durante a primeira turnê de um disco novo comecei a perceber que um determinado trecho de um solo do guitarrista sumia do meu monitor e eu ouvia o solo lá longe, como se ele abaixasse o volume. Na quinta ou sexta vez que isso aconteceu, fui falar com ele, que me disse não ter percebido isso: no seu monitor soava tudo normal. Fui então conversar com o operador do monitor de palco:

- Cara, toda vez que tem aquele solo de guitarra na segunda música, tem um trecho que some do meu monitor. O que é que está acontecendo?

- Será?

- Tenho absoluta certeza que tem alguma coisa estranha aí. Por que sempre no mesmo trecho? São quatro compassos, quatro exatos compassos sem guitarra no monitor.

O técnico ficou vermelho, titubeou, gaguejou... Eu insisti e ele afinal abriu o jogo:

- Sá, a culpa é minha... Quer dizer, não é bem minha...

- Fala aí, cara! Desembucha!

- É que ele erra ali! – desabafou.

- Erra?!

- É! Eu também sou guitarrista e sei que ele erra ali. Ele não entendeu a harmonia.

Fez um gesto largo de desânimo:

- Eu já falei com ele, mas é sempre a mesma resposta: “Nada, o solo é esse mesmo, tá ótimo”. Aí fiquei cabreiro achando que vocês iam perceber, ele ia discutir com vocês... Eu sei que ele precisa dessa gig. E eu sou amigo do cara, foi ele que me trouxe pra cá.

Acalmei-o e disse pra deixar comigo.

Às vezes, mesmo os melhores profissionais têm um bloqueio diante de certas situações. Pra resolver essas coisas só voltando ao princípio. Na passagem de som do dia seguinte, sentei com o guitarrista e passei a harmonia nota a nota. O erro era mínimo, mas realmente jogava o solo pra outro lado. Dali em diante ficou tudo certo.

Assim, de problema em problema e solução em solução, fui aprendendo a lidar com as delicadas situações que podem surgir entre pessoas que têm por obrigação conviver juntas em espaços limitados. Espaços que - por ironia - podem estar no fio comprido e infinito da estrada.

